

A PERSPECTIVA DE GRAMATICALIZAÇÃO DO “ENTÃO” NUM PERCURSO DIACRÔNICO

Maria Arlinda de Macêdo Silva
arlindamacedorn@hotmail.com

Tatiane Xavier da Silva
tatiane_284@hotmail.com

RESUMO: O modo como o falante faz uso da língua em situações reais de comunicação nos vem sendo apresentado como um amplo espaço no qual as pesquisas linguísticas têm muito a compreender e tentar esclarecer. Dessa forma as ciências da linguagem têm oferecido uma série de investigações baseadas principalmente nessa interação entre os indivíduos. Haja vista, este trabalho é parte de uma pesquisa monográfica, que objetiva verificar se os usos do item “então” já estudado no século XIX se confirmam diacronicamente em textos escritos do Português Antigo ao Português Clássico, bem como tenta descrever e explicar os processos/mecanismos relacionados ao fenômeno da variação e mudança linguística do item linguístico “então” a partir de amostras textuais da língua em uso na modalidade escrita. Buscando assim indícios de diferentes sincronias aferidas qualitativa e quantitativamente que evidenciem o possível percurso de gramaticalização desse item. Os resultados evidenciam que a trajetória percorrida pelo “então” por meio da gramaticalização inicia-se na categoria ESPAÇO, seguindo para a categoria TEMPO, atingindo ainda um maior grau de abstratização sendo usado como um elemento do TEXTO. Há, deste modo, nessa trajetória uma transferência de significado de uma categoria para outra. A análise nos apresenta ainda, que os usos do item aqui em estudo encontrados no século XIX se confirmam diacronicamente mantendo ainda traços estruturais da forma fonte. A análise tem como base os estudos da Linguística Funcional norte-americana (Hopper, 1991; Givón, (1995); Heine *et al* (1991); Hopper; Traugott (1993); e Martelotta *et al* (1996). Os dados que estão sendo utilizados fazem parte do Corpus Mínimo de Língua Portuguesa, que reúne textos do século XII ao século XIX, organizado por Figueiredo-Gomes e Pena Ferreira (2006).

Palavras Chave: Então. Funcionalismo. Gramaticalização. Diacronia

1. INTRODUÇÃO

Com o passar dos tempos, percebemos que algumas palavras são mais ou menos utilizadas pelos falantes nas diversas situações discursivas. Algumas dessas palavras mudam sua natureza para servir a um dado propósito comunicativo. Essas mudanças na natureza das palavras são observadas principalmente na fala e, muitas vezes, consideradas, por alguns, vazias no campo semântico. Na verdade, elas têm significado no enunciado do falante, uma vez que servem para cumprir a intenção pretendida pelo falante.

Pretendemos analisar o item lexical “então”, que atualmente perdeu seu sentido espacial; valor que pode ser encontrado em sua origem latina. Na antiga forma **intunc** (**in+tunc**), segundo Ernout e Meillet (1959), **tunc** é o resultado da formação **tum + ce**, em que a partícula **ce** é um elemento de valor demonstrativo comum nas línguas itálicas, que se liga normalmente a pronomes demonstrativos. Já Faria (1975) diz que o elemento **tum** tem valor de advérbio e pode significar “*então*”, *naquele tempo*, *depois*, *donde*, *além disso*, *por outro lado*. Essa base demonstrativa de **tum** pode ser encontrada ainda em Leite e Jodão (1958 *apud* MARTELLOTA; SILVA, 1996).

Parece ser do valor anafórico que surgem os atuais valores argumentativos, como defendem Martelotta e Silva (1996), do **então** conclusivo, **entretanto** adversativo; além do **então anafórico**, **então sequencial**, **então conclusivo**, **então alternativo**, **então intensificador** e **então resumitivo**. Esses autores estudaram a gramaticalização do “então” e constataram que a diferença de usos do elemento “então” é explicada por meio do processo de gramaticalização que segue a trajetória ESPAÇO>TEMPO>TEXTO, possuindo uma origem

espacial/temporal. A partir desse processo, o elemento tende a desempenhar funções pragmático-discursivas, ganhando novas posições mais fixas dentro da cláusula.

Também encontramos na literatura outros trabalhos a respeito do uso do item, como o feito por Tavares (2007) que estuda os conectores *ir*, *aí* e *então* na sala de aula. Particularizando o uso do “então”, nosso objeto de pesquisa, a autora o apresenta como uma forma mais marcada, por isso tende a se apresentar principalmente como causa e consequência.

Partindo dessa perspectiva de uso do item lexical “então”, pretendemos investigar se os usos desse item já estudado na perspectiva sincrônica no século XXI, se confirmam diacronicamente em textos do século XII ao XIX, observando ainda se a trajetória de gramaticalização ESPAÇO > TEMPO > TEXTO, proposta por Martelotta e Silva (1996) se confirma nesses séculos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Perspectiva Funcionalista

A linguística funcional estuda como os falantes fazem uso da língua, ou seja, dar ênfase a situação real de comunicação. Trata-se, assim, de uma corrente que vem se opor ao Estruturalismo e ao Gerativismo, oferecendo uma nova perspectiva aos conceitos sobre linguagem existentes e que com o funcionalismo passa a ser visto, como um instrumento usado para interação entre os indivíduos sociais. Segundo os funcionalistas, fenômenos linguísticos não devem ser observados por meio de formas isoladas fora do contexto comunicativo, mas sim a partir de situações reais de fala.

“O funcionalismo linguístico contemporâneo difere das abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – primeiro por conceber a linguagem como um instrumento de interação social e segundo porque seu interesse de investigação linguística vai além da estrutura gramatical, buscando no contexto discursivo a motivação para os fatos da língua. A abordagem funcionalista procura explicar as regularidades observadas no uso interativo da língua, analisando as situações discursivas em que se verifica esse uso (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2003, p. 29)”.

Na visão de Furtado da Cunha e Oliveira (1994), a interação verbal pode ser dividida em três componentes: a) objetivos do falante, ou seja, o que o falante pretende em um determinado ato de fala; b) interação entre os participantes da fala; c) contexto discursivo, informações consequentes.

Ainda de acordo com os preceitos funcionalistas, a situação de comunicação é quem vai “dizer e explicar” as motivações que cercam a estrutura gramatical. Assim, a estrutura é algo maleável e depende do falante, do ouvinte e do contexto comunicativo.

Referente ao conceito de gramática, citamos ainda Lichtenberk (*apud* MARTELOTTA; SILVA, 1996) considerado relevante na construção desse trabalho:

“As gramáticas das línguas naturais nunca são estáticas: em toda língua existem sempre áreas que estão em fluxo. As línguas podem caminhar a uma maior regularidade e iconicidade pela eliminação de anomalias e variação: ao mesmo tempo novos padrões emergem em algum lugar na gramática introduzindo novas anomalias e nova variação. Gramáticas são sempre não-completas. Na gramática de toda língua existem, em um dado momento, muitas regularidades rígidas ao mesmo tempo existem também muitos

aspectos em toda gramática que não são totalmente determinados e que são maleáveis em vários graus. Gramáticas provêm certos padrões para construção do discurso, mas eles não determinam completamente sua forma gramatical.”

2.2 Gramaticalização

As intensas renovações linguísticas têm chamado cada vez mais a atenção dos estudiosos da língua, uma vez que tais inovações são preenchidas por novas funções de formas já conhecidas, diante disso, o estudo da gramaticalização faz-se necessário, uma vez que ela explica o fenômeno de construções sintáticas que se manifestam junto ao léxico assumindo determinadas categorias, e passam a apresentar funções gramaticais.

Dessa forma, modifica-se a estrutura interna da língua, que uma vez ocorrida essa modificação não ocasionará de voltar à forma primária, isso se dar pelo fator da *unidirecionalidade*, que mesmo questionada por alguns autores está bastante próxima do processo de gramaticalização. Entendemos, pois, gramaticalização como “o processo pelo qual itens e construções lexicais passam, em certos contextos linguísticos, a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.” (HOPPER; TRAUGOTT, 1993, p. xv).

2.3 Inovações nos estudos sobre gramaticalização

A partir de 1970 houve inovações nos estudos referente à gramaticalização, principalmente com Givón (1971) depois com Heine et al (1991) que defendem o estudo unificado das abordagens sincrônicas e diacrônicas, mesmo que numa pesquisa haja permanência de uma delas. Na primeira, se o estudo tiver centrado em explicar o aparecimento das formas gramaticais bem como seu desenvolvimento na língua e na segunda, se os estudos tiverem como foco identificar graus de gramaticalidade desencadeados a partir de deslizamentos funcionais nos contexto de uso da língua.

A visão *pancrônica*, como citou Hopper e Traugott (1993) que os estudos voltados para gramaticalização devam ser compreendidos sob dois olhares: um de forma histórica e a outra sincrônica. E possivelmente ainda podendo se pensar numa visão pancrônica. Trazer uma única abordagem não proporciona a observação da “natureza sistemática e estável das relações polissêmicas, dos usos e das construções em que se encontram os itens focalizados” (FURTADO DA CUNHA; OLIVEIRA; MARTELOTTA, 2003, p.73).

2.4 Ideia de trajetória

A ideia da trajetória semântica do “então”, proposta por Heine et all. (1991), traz o princípio de que, para que a ideia tenha sentido ela segue um determinado caminho, sendo esse percurso unidirecional e gradual no qual a língua sai de um item da escala mais concreto para um mais abstrato conforme a trajetória ESPAÇO>TEMPO>TEXTO que as constituições lexicais assumem ao longo do tempo.

2.5 Mecanismos da gramaticalização

Dentre os mecanismos de gramaticalização daremos ênfase a *metáfora* e *metonímia* que alguns autores consideram uma das formas de motivação do processo. A metáfora é entendida como responsável pelo surgimento da abstratização de sentidos que nos comandos lexicais são desdobrados metaforicamente para mapear julgamentos de comandos gramaticais.

A metonímia, por sua vez, tem lugar referencial que admite substituir uma entidade por outra, remete ainda a um tipo de dedução pragmática que se apresenta no mundo do discurso.

2.6 Cognição

Segundo a Linguística cognitiva a composição da língua não só faz relação como também é produzida pelo conhecimento conceitual humano, pelas experiências físicas e pelos desempenhos comunicativos por meio do discurso. Ou seja, a linguagem está diretamente atrelada aos nossos conhecimentos conceituais oferecidos pelos espaços externos e pelas condições que cultivamos com esses espaços promovidos pela interação.

De acordo com Silva (2004, p. 1-2), a relação entre cognitivistas e funcionalistas habita na justificativa de que a linguagem é componente complementar da cognição e se baseia em procedimentos cognitivos, sociais, interacionais e culturais, por isso é preciso ser observada a partir do seu uso.

3. METODOLOGIA

Para esta pesquisa, levando em conta o volume dos textos, levantamos e reunimos os dados escolhendo apenas um século de cada período, ficando composta nossa amostra da seguinte forma: textos escritos do Século XII e XIV, Português Antigo, Século XVI, Português Médio e século XVIII, Português Clássico. Após o levantamento dos dados seguido da análise diacrônica destes, os comparamos com os achados relativos aos usos do “então” no português contemporâneo de Martelotta e Silva (1996). Considerando ainda, para traçarmos seu percurso de gramaticalização, principalmente os achados de Heine et alli. (1991), Hopper & Traugott (1993), Givón (1995) e Martelotta et alli. (1996). Por fim, o levantamos a frequência desses usos e tabulamos os dados encontrados.

4. TRATAMENTOS DOS DADOS

O “então” no Português Antigo (século XIV)

Observamos que o “então” apresenta leve modificação na grafia como poderemos constatar nos exemplos apresentados durante o texto, mas que em nada altera diretamente a função do item, apenas uma leve alteração fonética.

Tabela 1 – Frequências de usos do “então” no Português Antigo (século XIV)

Modalidades do “então”	Nº de ocorrências	Frequência
(1) Sequencial	55 / 100	55%
(2) Conclusivo	10 / 100	10%
(3) Introduzindo Informação Livre	23 / 100	23%
(4) Alternativo	0 / 100	0%
(5) Anafórico	11 / 100	11%
(6) Resumitivo	01 / 100	1%
(7) Intensificador	0 / 100	0%

No Português Antigo observamos através da frequência apresentada na tabela 1 que ainda há um alto índice dos usos do “então” na modalidade escrita, já que se concentra nessa

modalidade nossa pesquisa, o que nos mostra que o item ainda estava em plena utilização, fator que foi se modificando ao longo do tempo. Verificamos que o item em estudo se apresenta com mudanças semânticas expressivas e, por esse motivo, não pode ser compreendido simplesmente relacionando sintaticamente orações, mas sim de acordo com o uso que lhe é dado, ou seja, com vistas a sua funcionalidade no contexto comunicativo.

Dessa forma, segundo a Tabela 1 apresentada, vimos que o “então” se apresenta com 55% dos usos destinado a *sequencializar* eventos, como em [01]:

[01] E quando o sergente quis dar a beber ao bispo, el-rei calou-se e tendeu a mão e tomou o vaso que o sergente dava ao bispo e deu-lho el per si mesmo pera provar se poderia antender per spiritu de profecia, que dizian que havia, quen era aquel que lhi tendia o vaso pera beber. **Enton** o santo homen de Deus tomando vaso e non veendo o sergente que lho dava disse: ... (COMTELPO, século XIV, p.100)

Em seguida, temos o “então” *introduzindo informação livre* (f= 23%) que segundo Martelotta e Silva (1996) é uma variante do sequencial, mas aqui consideramos como tal quando a fala para no personagem e o narrador usa o “então” para entrar o discurso, saindo assim do discurso direto e entrando a fala do narrador. Nessa modalidade o “então” geralmente traz uma novidade, uma nova informação, que não tem necessariamente que ter relação “temporal ou lógica” com o que foi dito anteriormente:

[02] E como quer que o arcediagoo non bevesse a poçonha que metera no vïho pera mater o bispo, pero matoo-u a poçonha da as maldade per sentença do direito juiz perduravil ante cujos olhos non se asconde ren que do mundo seja. **Enton** disse o seu clarigo Don Pedro:
- Maravilhas son estas cousas que contas, padre ca non veemos ora em nossos tempos tan grandes cousas fazer, mais pero quen a vida deste santo bispo bem conhocesse non se devia a maravilhar das vertudes que Deus por el fazia. (COMTELPO, século XIV, p.101)

A terceira posição dos usos do “então” é o uso *anafórico* do item, que faz referência ao tempo, fazendo relação com algo dito em dado momento, com 11% da frequência dos usos. Vejamos em (03):

[03] E San Gregorio disse ainda que em tempo dos godos o ben aventurado baron don Johane, bispo desta eigreja de Roma, i a Justiniano, o mais velho, que **enton** era emperador, chegou a ti de Corinto. (COMTELPO, século XIV, p.97)

Observemos que o falante usa o “então” para fazer referência a época e/ou o momento em que Justiniano se encontrava imperador.

Seguindo a observar o índice de usos do “então”, temos com 10% das ocorrências o uso *conclusivo* do item, que finaliza em apenas uma cláusula o que foi dito antes sendo esta consequência da primeira cláusula e introduzida pelo “então”. Vejamos em (04):

[04] E todo o outro poboo que ali achassem que o matassem aas espadas. **Enton** aquol code tomou o santo bispo don Heroulan e levoou-u pera o seu cima do muro da cidade e escabeçoou-u hi. (COMTELPO, século XIV, p.111)

E para finalizar a frequência dos usos do “então” deste período, temos 1% das ocorrências o uso *resumitivo* do item no qual o falante resume tudo que foi dito em toda uma cláusula também a nível de conclusão como em [05]:

[05] Aconteceo per a bõdade de Deus que aquella molher publica, da qual queremos aquy falar e fazer palavra, era hy entom, e era cahtecumyna, e nũca vijnha a igreja por muyos pecados que em Ella avya e, per a graça e bondade Deus, foi **entom** presente e tanto foy no amor de Deus pungida e hedifficada que era de maravyilha as lagrimas que dos seus olhos sayam. (COMTELPO, século XIV, p. 64)

A frequência dos usos do “então” nesse período já sugere uma tendência de gramaticalização:

SEQUENCIAL > INTRODUTOR DE INFORMAÇÃO LIVRE > ANAFÓRICO > CONCLUSIVO > RESUMITIVO

Esses usos iniciais parecem confirmar, diacronicamente, a trajetória seguida pelos achados de Martelotta e Silva (1996) versados no plano sincrônico:

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

O “então” sequencial, por ser o mais frequente dos usos consideramos como o uso canônico do item, seguindo para um uso menos concreto o “então” introdutor de informação livre, uma espécie de derivação do sequencial, chegando ainda no “então” anafórico, que é quando o item passa da categoria ESPAÇO para a categoria TEMPO, e nessa linha de abstratização crescente temos o “então” conclusivo e resumitivo, o primeiro conclui o que já foi dito antes e o segundo resume a nível de conclusão, e ambos se encontram na categoria TEXTO.

O “então” no Português Médio – século XVI

Neste período, o “então” não apresentou grandes modificações em relação ao período anterior, a única novidade é o uso do item na forma moderna, mais que oscilou junto aos demais usos dos quais já mostramos anteriormente e por isso apresentamos apenas o tem na sua versão contemporânea. Vejamos:

[06] Levaranna a enterrar à ygreja do Anjos, querendo meter na cova moſtrou ſindes devina. Lembrandoſe **então** os que eſtiveram preſentes como Ella bradar a muyto por noſſa ſenhora, vieram ao moſteiro de ſam Domingos da dita cidade, rogar-aos frades que foſsem por Ella. (COMTELPO, século XVI, p. 174)

Observamos que neste período o “então” continuou oscilando entre as demais formas apresentadas pelo item no período citado anteriormente com leves modificações na grafia.

Tabela 2 – Frequências de usos do “então” no Português Médio (século XVI)

Modalidades do “então”	Nº de ocorrências	Frequência
(1) Sequencial	08 / 27	30%
(2) Conclusivo	08 / 27	30%
(3) Introduzindo Informação Livre	0 / 27	0%
(4) Alternativo	0 / 27	0%
(5) Anafórico	11 / 27	40%
(6) Resumitivo	0 / 27	0%
(7) Intensificador	0 / 27	0%

Segundo os dados apresentados na Tabela 2, diferente do que se deu no Português Antigo, aqui no Português Médio a modalidade de maior frequência do “então” é de uso *anafórico* com 40% das ocorrências, seguido do *sequencial* e *conclusivo* com 30% das ocorrências cada. Vejamos os exemplos respectivamente pela frequência:

[07] Damos muitas graças a Deus e aa vossa santidade polla bemquerença e devota caridade que fizestes a Domingos o diácono e a Joham, que **entom** era meestre e agora he açebispo, e a dom Tello arçeriagoo, cuiyta alma Deus aja. (COMTELPO, século XVI, p. 284)

Esse “então” faz referência a um dado momento do tempo quando diz, **que entom era meestre e agora he açebispo**, afirmando que naquele momento era acebisto mais que um dia foi mestre.

[08] ... ora vulgarmente se diz Portugal, em hũa cidade assaz populosa em o sertãaon na princincia Lusitana, antre os rios Tejo e Odiana,veendo ally nobre povoo e cidade bem guarnecida, começou a requerer se acharia ally algũus adoradores de Ihesu Cristo crucificado, ao qual estes adoravã chamavã salvador, cujo nome elle impunava e perseguia. **Entõ** lhe foy dito de algũus maliciosos vizinhos, ynimigos de Christo, que era ally hũ mãcebo, chamado Vicente, o qual cõ duas jrmãas que avia.s.Sabina e Cristeta adorava a Christo, o qual logo mandou prender e trazer anti sy e disse ao moço:... (COMTELPO, século XVI, p.142)

O uso sequencial do “então”, como o próprio nome já diz, sequencia eventos um após o outro fazendo relação lógica com que vem sendo dito ao longo da sentença, neste exemplo o item inicia uma cláusula onde percebemos a relação desta cláusula com o que foi dito na cláusula anterior dando assim sequência a uma história ou fato.

[09] Nestas cidades principaes ha hy muytos carceres e muy fortes in stremo, onde tres annos estivemos pressos repartidos por seis carceres: estão alli huns por dividas,outros por homicidios, q he cousa, q sobre todas as cousas mais estranhão, e mais abominão, q todas, matar hũ homem aoutro, e assi por muytos delictos; quando esta muy pouca gente em cada hũm destes cãrceres, são trezentos homẽns, outras vezes quatrocentos; cousa q muyto nos espantou foy dizeremnos os naturais da terra, q poderia **antãõ** aver en todolos carceres daquella soo cidade passante de oyto mil homẽns pressos; isto he por aquella cidade ser a mor alçada de aquella provicia, onde concorrem os pressos dos lugares menores: (COMTELPO, século XVI, p.740)

O “então” conclusivo que se apresenta em [19], inicia uma cláusula fazendo um fechamento de tudo que foi até aquele momento, apresentando assim uma consequência em relação ao que foi dito até o aparecimento do uso do “então”.

Nesse período, podemos observar o uso do “então” anafórico apresentando maior tendência à gramaticalização, pois apresenta o maior número de ocorrências.

O “então” no Português Clássico – (século XVIII)

Nesse período o “então” se apresenta com a sua forma atual sem apresentar mais nenhuma variação na forma, como podemos ver em [20]:

[10] O mar, por mais que increspe as suas ondas não ervem a quem o vê de espetáculo admirável: **então** admiramos o tímido Elemento mais ela raridade, que pela elevação. (COMTELPO, século XVIII, p.194)

Vejamos os resultados deste período na tabela 3.

Tabela 3 – Frequências de usos do “então” no Português Clássico (século XVIII)

Modalidades do “então”	Nº de ocorrências	Frequência
(1) Sequencial	06 / 12	50%
(2) Conclusivo	03 / 12	25%
(3) Introduzindo Informação Livre	0 / 12	0%
(4) Alternativo	0 / 12	0%
(5) Anafórico	01 / 12	8%
(6) Resumitivo	04 / 12	17%
(7) Intensificador	0 / 12	0%

Neste período o “então” apresentou quatro dos usos já identificados nos períodos anteriores, o único uso que não se repete é “então” introduzindo informação livre. O uso com maior frequência é *sequencial* com 50% das ocorrências; seguido do *conclusivo* com 25% das ocorrências; depois o uso *resumitivo* representando 17% das ocorrências; e, por fim o anafórico com 8% das ocorrências. Como segue respectivamente por frequência:

[11] No penúltimo titulo della fe diz: Quando ho mestre dom payo Correa ouve ganhadas estas Villas de castella cuidou ElRey afonfo qu era bem de mandar e pedir aquella terra á Jeo sogro que lha deçe por conquista e **então** enviouo llá a Raynha sua mulher &c. (COMTELPO, século XVIII, p. 75)

Temos no exemplo [11] mais uma demonstração do uso *sequencial* do “então”, aqui o item, fazendo relação com o que foi dito na cláusula anterior, inicia uma nova cláusula permitindo uma sequência lógica à história. Portanto, o “então” proporciona neste uso a linearidade do evento descrito.

[12] Com tudo isso, para maior precaução, não reprovoo que o varão pontagudo se coloque sobre base de vidro, ou de pez, fim de deter no pé do mesmo varão o fogo eléctrico; e do mesmo modo sobre o tecto, e fóra delle

ter alguma coufa affaf tado o arame de communicação, ou com espeques de páo breados, ou com vergas de vidro; no qual caso porém he preciso não fô a befe do varão, como tambem estes espeques, que fustem o arame, defendellos da chuva; porque quella, e estes, sendo molhados, não podem **então** impedir a communicação de algum fogo electrico com o Edificio. (COMTELPO, século XVIII, p.59)

Em [12] há manifestação do uso *conclusivo* do “então”, pois conclui o que foi anteriormente estabelecendo consequência a partir da clausula iniciada pelo item, podendo equivaler a conjunção *portanto*, finalizando assim a sentença.

[13] Outros que mereceram os obséquios de fortuna hão-de ver as exéquias dessa mesma fortuna merecida, e ainda cercados daqueles resplendores, de que a fortuna se reveste; e ainda rodeados do luzido enleio, de que a ventura se acompanha, hão-de ver que por instantes a luz se apaga, se extingue, se desvanece, e em um labirinto de conceitos diferentes hão-de sentir menos o golpe que há-de acabar a vida, do que aquele que há-de ferir descarregado na fortuna. **Então** corrido o véu do desengano, este há-de mostrar em um momento, que a fortuna não é mais do que um encanto enganador: um sonho mentiroso, ãa aparência vaidosa. (COMTELPO, século XVIII, p. 212)

Vemos em [13] mais um uso do “então”, o *resumitivo*, que resume tudo que já foi dito em uma única cláusula também a nível de conclusão. Poderíamos pensar que esse uso é mais um exemplo do “então” *conclusivo*, porém, numa análise mais apurada, verificamos que o item no contexto acima argumenta que em meio a um evento como a morte, o ganho de uma fortuna torna-se “um encanto enganador”. Daí dizer que é *resumitivo*, visto que após o “então” há um resumo do que foi dito anteriormente, e não precisamente só estabelece uma consequência, assim não poderíamos substituí-lo pela conjunção *por isso*.

[14] Tais foram Cota, Sulpicio, Hortêncio, Marco Cícero, Caio César, Marco Bruto, Messala, Asínio Pólio e muitos outros, que **então** e hoje veremos como mestres da língua latina. (século XVIII, p. 30)

E mais uma vez temos o uso anafórico do “então” fazendo menção a tempo em (14) ao dizer: **“que então e hoje veremos como mestres da língua latina”**. Quer dizer que hoje são vistos como mestres da língua, mas antes já eram como mestres.

Aqui demonstramos a frequência e os usos do “então” do Português Antigo ao Português Clássico, além de apresentarmos suas semelhanças e diferenças ao longo tempo, observamos ainda a funcionalidade dos usos e o percurso percorrido pelo item.

Os usos do “então” do Período Antigo ao Clássico

Nesta seção apresentamos uma análise geral, visualizando melhor afinidades e diferenças entre os usos do “então”, demonstrando assim o panorama total dos usos do item em seu percurso desde o Português Antigo até o Português Clássico.

Tabela 4 – Os usos do “então” do Período Antigo ao Clássico (séculos XIV, XVI e XVIII)

USOS	TOTAL DE USO E FREQUÊNCIA POR PERÍODO		
	Português Antigo	Português Médio	Português Clássico
Sequencial	55 55%	8 30%	06 50%
Conclusivo	10 10%	8 30%	03 25%
Introduzindo informação livre	23 23%	–	–
Alternativo	–	–	–
Anafórico	11 11%	11 40%	01 8%
Resumitivo	01 1%	0 0%	04 17%
Intensificador	–	–	–
Total por período	100	27	12

A partir do exposto na Tabela 4, podemos observar o comportamento do “então” ao longo do Período Antigo ao Clássico. No Português Antigo prevaleceu o uso *sequencial* do item, notamos a diversificação nos usos de um único elemento, o que prova sua funcionalidade, daí estudá-lo na perspectiva funcionalista. Podemos ver na prática como a língua muda ao longo do tempo, pois, temos nesse período 100 ocorrências e cinco diferentes usos, ou seja, cinco funções específicas.

Já no português Médio o número de ocorrências caiu para 27, uma queda considerável levando em conta o período anterior. O fator que permaneceu igual neste período em relação ao anterior é sua alta funcionalidade, que mesmo com um número de ocorrências bem inferior apresenta três usos distintos, sendo que aqui prevaleceu o uso “anafórico”, um dado que consideramos relevante, pois reforça o modelo de análise do ponto de vista discursivo-pragmático.

O “então” se mostrou bastante flexível quanto as suas possibilidades de uso, e no Português Clássico não foi diferente. A frequência do item continuou a cair, agora só contabilizamos 12 ocorrências, metade das ocorrências em relação ao período anterior, mas quanto ao nível de funcionalidade apresentou quatro diferentes usos, e igual ao português Antigo, diferente do resultado da frequência do Português Médio, o uso *sequencial* apareceu em maior escala.

Em relação aos usos do “então” apresentados por Martelotta e Silva (1996) não houve ocorrências do uso do “então” *alternativo* e *intensificador* nos períodos analisados.

Portanto, temos um elemento em desuso gradativo, mas que por outro lado se mostra altamente maleável em relação às necessidades comunicativas dos falantes, daí ele vim sofrendo um processo de gramaticalização.

Trajectoria de gramaticalização do “então”

É por meio do processo de gramaticalização que defendemos que o item lexical “então” vem passando por mudanças semânticas bem como é resultado de mudanças estruturais. De acordo com a pesquisa aqui realizada o “então” atesta o mesmo percurso de gramaticalização proposto por (MARTELOTTA E SILVA, 1996), conforme a trajetória:

ESPAÇO > TEMPO > TEXTO

Entendemos aqui gramaticalização como o processo que explica o fenômeno em que itens lexicais se transformam em gramaticais e continuam a originar novas funções gramaticais. A partir dos usos analisados do “então” podemos mostrar a tendência de gramaticalização desse item que se dá de ESPAÇO para TEMPO e deste para TEXTO, pois o “então” sai do seu uso concreto (canônico) para um uso mais abstrato. Consideramos que a maior frequência de uso de uma das modalidades é o fator determinante para elegê-la como a modalidade canônica do “então”, dessa forma o “então” canônico é o *sequencial* já que foi o mais frequente das ocorrências.

Nos períodos analisados o “então” *sequencial* e o “então” *introduzindo informação livre* (ESPAÇO), deixam de assumir a função de coordenar fatos linearmente e ordenar eventos distintos sem relação aparente quando passam a serem usados de forma mais abstrata, funcionando como um elemento que retoma um evento na linha do tempo, o “então” anafórico (TEMPO), e seguindo para usos ainda mais abstratos, novos usos são desenvolvidos como é o caso do “então” *conclusivo* e *resumitivo* (TEXTO), estes se tratam de um alto grau de abstratização, uma vez que, já surgiram a partir de um item já gramaticalizado, o que atesta ainda a mudança *unidirecional* do item em estudo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As implicações da pesquisa sobre o item lexical “então” marcam que:

Como nosso primeiro objetivo é buscar diferentes sincronias para assim evidenciarmos a caminho de gramaticalização do item em estudo, concluímos que a trajetória percorrida pelo item “então” por meio da gramaticalização inicia-se na categoria ESPAÇO, seguindo para a categoria TEMPO, atingindo ainda um maior grau de abstratização sendo usado como um elemento do TEXTO. Há nessa trajetória, deste modo, uma transferência de significado de uma categoria para outra.

A partir dos usos apresentamos como previsto em nosso segundo objetivo a frequência do “então” que se apresenta em alta no Português Antigo, somando 100 (cem) ocorrências do item, mas com o passar do tempo ela diminuiu bastante nos períodos seguintes: Português Médio, apenas 27 (vinte sete) ocorrências, e Português Clássico, somente 12 (doze) ocorrências. No entanto, essa queda no número de ocorrências não ocasionou uma redução significativa nos usos do item, ou seja, o “então” continuou apresentando novos usos nos períodos futuros, portanto, se gramaticalizando. A pesquisa nos revela ainda que, na escrita, o “então” é um item em desuso por apresentar grande queda de frequência com o passar do tempo.

E por fim, atingindo nosso terceiro objetivo apresentando os resultados da pesquisa como contribuição científica colaborando para novos estudos e comparando-os com os já existente.

Relacionando nossos estudos aos de Martelotta e Silva (1996) encontramos cinco das sete denominações aferidas pelos autores aos usos do “então”: *sequencial*, *introduzindo informação livre*, *anafórico*, *conclusivo*, *resumitivo*, só não encontramos os usos *alternativo* e *intensificador*. Isso nos mostra a funcionalidade do “então” na língua portuguesa desde o Português Antigo até ao Clássico e que os estudos atuais não revelam particularidades do “então”, mas sim que o item em estudo apresenta uma crescente evolução na língua.

Os usos do “então” na modalidade escrita mantêm alguns traços semânticos da forma-fonte no percurso diacrônico do Português Antigo ao Clássico, pois podemos observar que mesmo em escala menor o uso canônico do “então” (*sequencial*) teve a maior ocorrência e foi utilizado em todos os períodos analisados.

Sabemos que são estudos ainda iniciais e que podem ser observados de maneira mais completa em trabalhos futuros, como por exemplo, observar em quais textos em que prevalecem os usos do “então” entre outros.

6. REFERÊNCIAS

- ARENA, A. B. Multifuncionalidade e Polissemia do *Então*: Um estudo Pancrônico. Niterói, Dissertação de Mestrado – UFF, 2008.
- ERNOUT, A. e MEILLETE, A. Dictionnaire étymologique de la langue latine: histoire des mots. Paris: Librairie C. Klincksieck, 1959.
- FERRARI, L. V. A lingüística cognitiva e o realismo corporificado: implicações filosóficas e psicológicas. In: *Veredas* (Revista de Estudos Lingüísticos). nº 9. Juiz de Fora, MG: UFJF. jul./ dez., p. 23-29, 2003.
- FARIA, E. Dicionário escolar latino-português. Rio de Janeiro. FENAME, 1959.
- FIGUEIREDO-GOMES, J. B. & PENA-FERREIRA, E. (orgs.) *Corpus mínimo de textos da língua portuguesa – COMTELPO*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/PDEECAPES, 2006. (mimeo)
- FURTADO DA CUNHA, M. A. Funcionalismo. In: MARTELOTTA, M. E. (org.) *Manual de Linguística*, São Paulo: Contexto, 2008.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; COSTA, M. A.; CEZARIO, M. M. Pressupostos teóricos fundamentais. In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; OLIVEIRA, M. A.; MARTELOTTA, M. E. *Lingüística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- GIVÓN, T. *Historical syntax and synchronic morphology: an archeologist's field trip*. Chicago Linguistic Society 7, 1971.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Philadelphia: Benjamins 1995.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (Org.) *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola, 2007.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J. Emergent grammar. *BLS* 13:139-157, 1987.
- HOPPER, P. J.; TRAUGOTT, E. C. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- LAKOFF, G & JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- MARTELOTTA, M. E.; VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M. (orgs.). *Gramaticalização no português: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ. Departamento de Linguística e Filologia, 1996.
- ROCHA, L. C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa*: prefácio de Serafim da Silva Neto. -37 ed.- Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.
- SANTOS, Z. G. *A gramaticalização dos vocábulos então e aí*. Salvador, Dissertação de Mestrado – UFB, 2008.
- TRAUGOTT, E.C & HEINE, B. *Approaches to grammaticalization*. Vol. I, Focus on theoretical and methodological issues. Amsterdam: Benjamins, 1991.
- TAVARES, M. A. *Um estudo variacionista de aí, daí, então e e como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Florianópolis, Dissertação de Mestrado – UFSC, 1999.